Notas e Transcripções

CONGRESSO DE HISTORIA NACIONAL

Aproveitando a data do centenario da abdicação (7 de abril de 1931), o Instituto Historico e Geographico do Brasil convocou o 2.º Congresso de Historia Nacional, tendo elaborado para esse fim um conjuncto de theses referentes não só áquelle acontecimento como, em geral, á nossa independencia politica.

Foram escolhidos relatores os nossos mais importantes escriptores de historia e de sociologia, já tendo apresentado seus trabalhos, entre outros, os Drs. Clovis Bevilaqua, Tavares de Lyra, Rocha Pombo, Afranio Peixoto e outros notaveis espiritos.

O "Instituto do Ceará" recebeu honroso convite do Conde de Affonso Celso para se fazer representar no referido Congresso, o que fará com a maior satisfação, por intermedio do seu Presidente, Barão de Studart, e pelos Drs. Alvaro Bomilcar e Eusebio de Souza.

SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU

E' sempre com o mais vivo interesse que nos referimos a essa associação, cujo fim primordial é, além da divulgação das obras do grande historiador cearense, o debate e esclarecimento dos factos de nossa historia.

Após um periodo de grande actividade, parecia que a sociedade tinha adormecido com os primeiros louros obtidos, mas estamos informados que, devido aos esforços de Rodolpho Garcia, general Luiz Sombra, e outros, ella vae recomeçar seus

trabalhos e publicações, sendo provavel que um delles seja sobre o Ceará.

Aguardemos.

VIDA LITERARIA CEARENSE

O Ceará já viveu horas de intensa agitação intellectual. Isso lá pelas alturas de 1874 a 1878. Foi a época de Rocha Lima, de Capistrano, de Araripe Junior, de Thomaz Pompeu, de João Lopes. Mais tarde, em 1892, surgiu a "Padaria Espiritual", cenaculo que congregou os valores mais expressivos da terra de José de Alencar: Rodolpho Theophilo, Antonio Salles, Waldemiro Cavalcanti, Livio Barreto, Lopes Filho, Sabino Baptista, Tiburcio de Freitas, Cabral de Alencar, Xavier de Castro e outros. Mais tarde ainda, em 1895, um dissidio na "Padaria Espiritual" deu origem a fundação do "Centro Literario", constituido por Rodrigues de Carvalho, Bomfim Sobrinho, Telles de Souza, Papi Junior, Frota Pessoa, Alvaro Martins, etc.

Certo, muitos nomes esperancosos desapparceram com a successão dos annos, na poeira dos tempos. O infortunio, a morte, o desalento, puzeram á margem não poucos valores do periodo que marcou o instante mais inquieto do Ceará literario.

Rodolpho Theophilo fixou alguns perfis, assignalou as singularidades de typos que deixaram uma tradição, uma historia, uma religião, como esse incomparavel Capistrano de Abreu. E' o velho lidador quem escreve: "Começo por Capistrano de Abreu, o verdadeiro "cabeça chata". Quando entrei para o collegio, em 1865, já o encontrei. Elle era uma excepção entre nós. Sempre pelos cantos, isolado, malamanhado, desasseiado, e lendo, sempre lendo. Nunca tinha nota má nas lições, mas sempre era castigado por falta de asseio".

Rodolpho Theophilo conta como o encontrou em Recife, sem fazer "um só exame" e compenetrado de que, "simples cascabulho", valia muito mais do que a maioria dos doutores".

"O velho Jeronymo Honorio, pae de Capistrano (este nome lembra o de Honorina Abreu), agricultor em Curumijuba, homem da tempera antiga, sem esperanças que o filho se matriculasse, mandou-o voltar e botou na enxada. O estudante sentiu deveras o cabo do "Frei Jorge", não propriamente pelo trabalho, mas porque não lhe deixava tempo para ler. As noites passava-as quasi inteiras lendo. A sua tortura teria ido longe se José de Alencar não tivesse vindo ao Ceará".

Rocha Lima, segundo Rodolpho, "era um menino franzino, timido, um pouco gago"; Domingos Olympio "era de indole alegre, jovial, tendo sempre um episodio interessante, uma anedocta chistosa para amenizar a palestra"; Paula Ney era "um typo quasi rachitico, moreno, de olhar vivo"; Xilderico de Faria "tinha decidida vocação para a oratoria"; João Lopes "era um menino comprido, franzino, de espessas sobrancelhas, feições grossas, facilmente caricaturaveis".

Suggeriu-me essas considerações um telegramma do Ceará annunciando a constituição de uma Academia de Letras. E' possivel que se trate de uma reconstituição visto como ainda existem membros da velha Academia Cearense de Letras.

Seja como fôr, não vejo nisso um mal nem acho justo que se faça humorismo ácerca do papel das academias, no paiz em que proliferam os poetas e até mais alguma coisa:

"Brotam poetas e mais poetas,
Bananas e mais bananas".

Farão parte do instituto os srs. Antonio Salles, Juvenal Galeno, Rodolpho Theophilo, Papi Junior, Barão de Studart e muitos outros cujos nomes não me occorrem. Ha, entre os demais, nomes notaveis nas immediações de Mocuripe... Sem a menor projecção. Não vou ao extremo de dizer que o Ceará vive do passado, mas Alencar, Farias Brito, Araripe, Capistrano, não têm, presentemente, successores. As affirmações moças não mandam para o sul um livro que obrigue os criticos a se voltarem para esse norte de tantos avanços e de tantas conquistas nos dominios do pensamento.

Antonio Salles, Juvenal Galeno, Rodolpho Theophilo, Papi Junior, Barão de Studart, são nomes de hontem, de ante-hontem. Taes nomes, porém, honram qualquer centro de actividade mental. Em torno delles tem girado os movimentos de nota.

Todos elles fazem jús a um estudo honesto. Antonio Salles é um poeta primoroso, um critico amavel, o romancista de "Aves de Arribação". Juvenal Galeno é o criador da poesia popular, tendo convivido com Gonçalves Dias. Rodolpho Theophilo é o romancista da fome, o historiador das secas, o chronista da sedição do Joazeiro. E' um escriptor de assumptos tragicos, commoventes. Falta-lhe brilho. Sobram-lhe honestidade, patriotismo, amor á terra. Papi Junior tambem cultiva o romance. Quanto ao Barão de Studart não preciso dizer que é uma gloria do Brasil. E' um historiador que resiste a qualquer confronto com os melhores e com os mais idoneos pesquizadores da materia em que é mestre.

A simples idéa de se reerguer uma academia enuncia que ha plena disposição para o trabalho, que os promotores de tão feliz idéa acompanham tudo o que se processa nos outros meios.

Outra não é a impressão que me dá o estudo em que o sr. Thomaz Pompeu Sobrinho oppõe serias e formaes restricções ao "Retrato do Brasil" do sr. Paulo Prado.

Nada mais discutivel do que a chamada realidade brasileira. Cada mentor nacional vê as coisas de modo particularissimo. Para uns o Brasil é um paiz totalmente perdido, sem cultura, sem independencia economica, sem estadistas, sem futuro, afinal. Para outros, entretanto, tudo vae ás mil maravilhas, não ha crises nem base para reivindicações sociaes. Pela sua consideravel extensão territorial, embora com uma physionomia mais ou menos inalteravel, certo é que as generalizações sobre o meio, os costumes, os ambientes, estão sujeitas á mais completa diversidade de opiniões. Dahi os conflictos, os debates que as investigações de ordem social provocam.

Ha contrastes que merecem ser assignalados. Não sei de maior singularidade do que esta de partir de São Paulo, o Estado "Leader", clamores contra a raça, e de se erguerem no martyrizado Ceará vozes de protesto. Não ha muito Monteiro Lobato pôz "Jéca Tatú" em realce, symbolizando nelle o Brasil. E do Ceará veiu a resposta de Ildefonso Albano, apresentando aos sceptico "Mané-Chique-Chique". Agora foi o sr. Paulo Prado quem pintou um quadro terrivel. E do mesmissimo Ceará partiu o grito do sr. Thomaz Pompeu Sobrinho

O engenheiro cearense — forrado de sociologo — elaborou um trabalho que tem o seu merito, embora não tenha conseguido destruir tudo o que asseverou o notavel publicista paulista.

Com relação aos factos desenrolados na época do descobrimento e da colonização, observo a disparidade de juizos a que me referi. Os chronistas divergem. Jean de Lery, o "delicioso" Jean de Lery, como dizia Capistrano, mostra que não havia licenciosidade de costumes entre os indios. Mas sabe-se do fausto que reinou depois em Pernambuco, notando frei Manoel Calado que de "Olinda" a "Olanda" não havia mais do que a mudança de um "i" em "a"...

O sr. Thomaz Pompeu comprehende o exaggero de Paulo Prado porque as suas informações "tráem origem jesuitica" (pag. 75).

Ora, se foram os jesuitas que plasmaram a nacionalidade, se foram elles que attenderam "com extrema solicitude aos indigenas e negros como aos proprios europeus" (pag. 40), como se admittir a parcialidade dos mesmos?

O sr. Pompeu Sobrinho tráe, por sua vez, manifesta aversão á Igreja, já recordando a noite de Saint-Barthélemy, já adeantando que a Inquisição, na Peninsula, "fez milhares de victimas em nome de Deus", já alludindo ao "trabalho de fanatização", já insistindo em que "o Papa esperava conseguir pelo fogo e pelas torturas o que as palavras dos monges não alcançavam".

O sr. Pompeu Sobrinho ha de convir que o tom categorico dessas affirmações, tão primarias, não fica bem a um espirito do seu porte. Mas a sua réplica, e mais a noticia academica, arrastaram-me á convicção de que o Ceará tostado pelo sol ainda é capaz de tentativas promissoras no campo das cogitações espirituaes.

OSORIO LOPES

(Transcripto do "O Jornal").

No artigo acima transcripto, o seu autor faz referencias ás opiniões expendidas pelo nosso illustre consocio Dr. Pompeu Sobrinho, na critica abundante por este formulada ao livro do Dr. Paulo Prado — Retrato do Brasil — e que tanto ruido causou nos circulos intellectuaes do paiz.

A proposito do mesmo assumpto, e a titulo de documentação, julgamos util trasladar para esta secção o artigo do Dr. Carlos Pereira (C. Studart Filho), publicado na imprensa local, assim como a resposta que lhe deu o Dr. Pompeu Sobrinho, sustentando as suas doutrinas historico-sociologicas.

O NOVO LIVRO DE POMPEU SOBRINHO — Carlos Pereira.

"O Retrato do Brasil", o impressionante livro de Paulo Prado, quasi unanimemente repellido pela critica indigena, parecia ter cahido no mais completo olvido.

Delle já se não ouvia fallar sinão de longe em longe, citado, de passagem, por individuos recalcitrantes que, ainda hoje, se atardam a deplorar hajam os portuguezes descoberto e colonizado a terra da Santa Cruz.

Findára assim, rapidamente, a vida de um livro em um paiz sem leitores.

Em verdade, porém, esse escripto singular, inventario tragico de nossas mazellas sociaes, "synthese pessimista mas brilhante de nossa historia", fizera, pela sua documentação farta e segura, pelo seu estylo masculo e escorreito, impressão forte e duradoura no espirito da mocidade patricia, já tão trabalhada pelos máos exemplos e pelas más doutrinas.

Por suas conclusões travosas, instillara elle no coração brasileiro a descrença e o desanimo.

Apresentando-nos como um povo nascido sob sombrios auspicios, ensinando-nos a desprezar os nossos maiores, a lhes attribuir a origem de males numerosos de que só nós somos os verdadeiros e unicos culpados, adquirira o livro de Paulo Prado prestigio inexcedivel no seio da intellectualidade brasileira.

Thomaz Pompeu Sobrinho, essa individualidade de inconfundivel relêvo na vida intellectual nordestina, comprehendeu a necessidade de reagir contra esse máo livro, que é, talvez, o complemento daquelle outro folheto gerado pelo odio implacavel de Antonio Torres e cujo nome "Razoens da Inconfidencia" deve, ainda hoje, resoar como um dobre funebre aos ouvidos dos lusitanos d'aquem e d'além mar.

Combater o derrotismo de Paulo Prado, escriptor que só nos reconhece vicios e defeitos, e que apezar de brasileiro não penetrou ainda **"o espirito brasileiro"**, como muito bem disse Tristão de Athayde, pareceu a Pompeu Sobrinho o cumprimento de um dever civico e elle acaba de offerecer ao publico um livro com essa finalidade patriotica.

Trabalho substancioso e brilhante, pontilhado de observações justas e originaes que patenteiam a erudição cuidada de seu autor e mostra o conhecimento perfeito que elle tem dos phenomenos evolutivos da vida social, politica e economica de sua patria.

O capitulo escripto em defesa da moralidade dos nossos aborigenes, que Paulo Prado estribado no "Roteiro Geral" dá como despudorados e lascivos, é admiravelmente fundamentado.

Ahi, o distincto escriptor falla com a triplice autoridade de historiador, de ethnologo e de americanista.

São tambem particularmente notaveis as passagens dedicadas á rehabilitação do mestiço, desse typo ainda hoje injustamente malsinado por certos anthropologistas europeus, não obstante os factos demonstrarem á evidencia a sua superioridade em nosso meio.

Não foram elles, com effeito, que graças á sua coragem, sobriedade, resistencia e tenacidade conquistaram a Amazonia,

occuparam a Rondonia e escreveram a epopeia magnifica das Bandeiras?

Não faltam autores, adeptos da escola sediça de Lapouge, partidarios das ideias de Gobineau, de Agassiz e de Ammon, que defendam a hierarchia das raças, que apontem dados typos anthropologicos como os factores do desenvolvimento das civilisações e que considerem grandes apenas os povos em os quaes é notavel a proporção de dolicocephalos loiros. Pouco importa.

Tudo isso não passa, porém, de mera phantasia, de bacharelice anthropologica, como lhe chama o sabio director do Museu Nacional.

Nos cruzamentos humanos intensivos, na mestiçagem, emfim, é que parece estarem as causas determinantes do progresso cultural dos povos.

Esta theoria, aventada e defendida primeiramente por Gumplowicz **(Luttes des races)** é hoje adoptada por Pittard e Class e tem a amparal-a, em parte, a cultura de Roquette Pinto e a intelligencia de Alfredo Ellis Filho.

Ha, todavia, no livro de Pompeu Sobrinho, que sem favor poderiamos classificar de admiravel, pontos controvertiveis que estão a merecer alguns reparos.

Assim, temos por menos convincentes os argumentos com que o A. pretende provar que não foram a paixão das riquezas e a fome intensa de oiro, cedo transformadas em delirio geral no Velho Mundo, a força que impelliu para a aventura dos mares os navegantes portuguezes e hespanhóes dando motivo aos grandes descobrimentos maritimos do seculo XV.

Pretende (p. 175) que não havia então desejo immoderado de oiro na Peninsula e argumenta (p. 202) que a profunda ignorancia, o fanatismo e a superstição em que vegetava o povo, a pobreza e as condições sociaes miserrimas daquella epocha eram obices irremoviveis á germinação desses sentimentos.

Dá como causa dos descobrimentos "o explendido dynamismo iberico" de que falla a cada passo, expressão realmente suggestiva mas pouco accessivel para quem, como nós, não comprehende a sociedade regida pelas leis da physica, nem admitte que, quasi concoenta annos depois de Aljubarrota, podesse "existir tanta energia comprimida na alma do povo portuguez"...

Confessa, todavia, o A. (p. 176) que o commercio da India escaldava o cerebro dos poucos economistas desses tempos. Adianta que o luxo das côrtes sarracenas installadas na Hespanha, brilhantes e pejadas de riquezas trazidas do remoto oriente; o famoso fausto de Veneza e de Genova, os relatos maravilhosos da viagem do veneziano Marco Polo aos confins

do Mundo, despertaram idéas ambiciosas e um certo espirito de curiosidade, porém limitado a um pequeno circulo, principalmente dentro da Peninsula.

Ora, foi justamente esse pugillo de homens privilegiados, em os quaes "a obsedante preoccupação religiosa" não conseguira neutralizar a ansia insopitavel de enriquecer, que, em toda Peninsula, arrastou para o mar a massa inerte de seus concidadãos. Esse troço de individuos affeiçoados aos gozos terrenos, desejosos de poder, de gloria, de honras e de riquezas, não era, aliás, tão pequeno como se poderia imaginar.

A Iberia fôra, durante quasi mil annos, o refugio preferido dos hebreus que infiltraram no sangue dos povos peninsulares a cobiça e a avidez pelos lucros commerciaes, que tanto empolgam a alma da raça semita.

Demais Lisbôa já durante parte da "noite longa de trevas e mysterios" como o A. chama, em sua linguagem colorida mas injusta, a Idade Media, se tornara pela sua posição geographica, entreposto commercial de certa importancia.

A viagem de Colombo foi como tantas outras que a precederam e seguiram, uma simples empreza commercial.

As unicas expedições maritimas — das partidas das costas da Lusitania, durante o seculo XV — que não tiveram caracter mercantil foram as levadas a cabo, antes de 1433, pelo infante D. Henrique e pelos arrojados navegadores de seu sequito.

O fim do infante era, a principio, meramente politico e nascido da necessidade de zelar pela segurança das terras de seu pae. Queria buscar através de um supposto mar interior passagem mais rapida para o reino de Preste João, ou, talvez, como pensa Malet, procurar no littoral africano um meio de poder atacar pelas costas os musulmanos de Marrocos, inimigos seculares dos Portuguezes.

Após a passagem do cabo Bojador, de 1433 em diante, com a fundação da Companhia de Lagos, que visava apenas fins gananciosos, "o idéal e a aspiração generosa trocam-se por mercantilismo insaciavel, revestido dessa forma depravada de perseguições e traficancia do natural".

Se, como diz o A. (p. 177), o supremo idéal, a bandeira do descobrimento era conquistar almas para Deus, porque só tão tardiamente colonizaram os Portuguezes o Brasil?

Se era o desejo dos navegadores luzitanos ganhar para Deus milhões de almas, porque se houve Magalhães com tanta fereza na sua segunda expedição á India?

E porque arrancaram elles tão cedo ás terras africanas os miseros negros que a embarcação de Antão Gonçalves transportou para o reino em 1441?

* * *

Mais de uma vez nosso A. cedendo tambem ao encantamento das idéas feitas, verga ao peso das abusões radicadas.

Tratando do Tribunal do Santo Officio, instituição tão condemnada e tão desconhecida, que é ainda para muitos que a conhecem apenas através da leitura de romances aleivosos,

Ce sanglant tribunal,
Ce monument affreux du pouvoir monacal,
Que l'Espagne a reçu, mais qu'elle-même aborre:
Qui venge les autels, mais qui les deshonore;
Qui tout couvert de sang les flammes entouré,
Egorge les mortels avec un fer sacré,

de que nos falla Voltaire, em versos detestaveis, tratando da Inquisição, diziamos, dá a entender que ella exerceu u'a acção deleteria sobre a evolução do pensamento humano e foi na Iberia, a causa de se ter a Idade Media prolongada até os nossos dias (p. 155).

Esquece, porém, o illustre publicista que a Inquisição existiu na Italia e, não obstante isto, magnifica foi a floração cultural da Renascença Italiana.

Tendo-se estendido, depois de 1232, por sobre toda a christandade reinou ella na Italia cerca de 300 annos.

Ha mais ainda: o periodo aureo da litteratura hespanhola foi justamente o seculo de Phelippe II, o imperador mais fanatico da Hespanha, quando todos os escriptores careciam de licença para publicarem suas obras e o **imprimatur** da censura ecclesiastica se tornara mais severo.

Cervantes é dessa epocha. Dessa epocha são tambem os pintores Pantoja, de La Cruz, Sanchez, Coelho Ribate, para não fallar em sabios como Luiz Vives e Diogo de Mendoza.

A opinião de Salomão Reinach a que o Dr. Pompeu se apega é tão errada em relação á Hespanha, quanto em relação a Portugal.

Ninguem dirá, por exemplo, que a morte de Miguel Servet, queimado vivo por ordem de Calvino, em 1553, impediu que William Harvey, retomando as observações de Cesalpino e de Malpighi, descobrisse a circulação do sangue e que a physiologia se desenvolvesse e progredisse.

"Depois das luctas que terminaram pela supremacia da Espanha e de Portugal, escreve o A., a Igreja activou o trabalho de fanatização. Installada desde 1480, a Inquisição accendeu fogueiras sobre todo o territorio".

A Inquisição não foi estabelecida na Hespanha com o fim de "activar o trabalho de fanatisação do povo", como quer

s. s., mas para defender o throno contra os **maranos** e **mariscos** e combater ao lado da igreja contra as heresias.

Antes da Inquisição já os judeus eram perseguidos na Peninsula Pyrenaica.

Ahi estabelecidos por volta do anno de 502 e a principio tolerados pelos habitantes da região, passaram depois, a soffrer successivas perseccuções por parte dos Wisigodos, sendo que a primeira data do tempo de Sisebuto (612).

Apezar de tudo elles prosperaram rapidamente.

Nos fins do seculo XV o judaismo se enraizara profundamente na Hespanha. Ricos, senhores de importantes latifundios e ligados ás principaes familias passaram elles a constituir um perigo para o Paiz, perigo que era preciso urgentemente conjurar.

E isso foi obra da Inquisição politica creada na Peninsula pela bula do papa Sixto IV e expedida em 1478.

Erram redondamente aquelles que vêem nos tribunaes da Santa Inquisição uma instituição dirigida por uma caterva de monges estupidos e ferozes que faziam assar vivos por mero prazer os pobres transviados da religião. Erram tambem os que, como s. s., computam em 50% os casos de condemnações injustas por elles pronunciadas.

Demonstram isso cabalmente as palavras de Bourgoing **(Tableau de l'Espagne Moderne)**: "J'avouerai, pour rendre hommage á la verité, que l'Inquisition pouvait être citée de nos jours comme un modéle d'équité".

Auto de fé não é, como muita gente suppõe, synonimo de fogueira...

* * *

A escola de Sagres é outra phantasia que nosso A. facilmente acceitou.

Tece lôas a uma supposta escola de Sagres (onde escriptores phantasistas collocam mesmo um observatorio e um arsenal de construcções navaes), mas esquece a unica e verdadeira escola de nautica que se estabeleceu em Portugal naquellas remotas eras. Queremos fallar da celebre academia de nautica fundada por D. João II no proprio paço real e onde, ao lado de mestres renomados, pontificou o maior cosmographo de então — Martim Behaim.

Della foram discipulos Diogo Cão, Diogo de Azambuja, Bartholomeu Dias e talvez o proprio Colombo.

Dizemos talvez porque os ultimos escriptos sobre o almirante genovez, o do Padre Fritz Streicher (Munich, 1929). por exemplo, tendem a mostrar que a verdadeira escola de

cosmographia do glorioso descobridor da America foi o convento de La Rabida. Ahi se familiarisou elle com os trabalhos de Roger Bacon e veio a conhecer o **"Imago Mundi"** de Pierre d'Ailly (Pedro Aliáco) e o **"Livro das Maravilhas"** de Marco Polo em cujas margens lançou, do proprio punho, numerosas notas.

* * *

Extranhamos igualmente ver figurar mais de uma vez na obra de um ethnologo abalisado como Pompeu Sobrinho, o termo **aryano** para designar povos de raça branca não hamito semitas. Assim, foi com surpreza que lemos, á pagina 160, o seguinte: — "Mais tarde, occorre nova injecção de sangue africano com os carthagineses e, logo em seguida, de sangue ariano com os romanos que conquistaram a peninsula..."

Será que o autor de tão erudita e interessante monographia permanece fiel ás idéas de Pott, Grimm e Max Muller e de nosso patricio o sr. Oliveira Vianna?

Admitte, por ventura s. s., a existencia de uma raça aryana, nascida "á quelque part" na Asia e que teria descido para o platô do Iran e invadido, através das gargantas do Indukusk, o solo uberrimo da India, escravisando os incautos **Dasyus**, que ali demoravam?

Acaso acceita o A. como bons os dizeres dos compendios escolares que ensinam haver o povo aryano, composto de pastores bellicosos, se derramado tambem pela Europa, espraiando-se á maneira de uma immensa vaga por sobre os restos das populações que ahi levaram a famosa e inexistente civilisação turana?

E, todavia, os grandes estudos da segunda metade do seculo passado, o livro de Taylor, os trabalhos de Penk e a brilhante monographia de Salomão Reinach indicam que a verdade é bem diversa.

Hovelacque e Vinson, no seu interessante livro **"Estudes de Linguistique et d'Ethnographie"** já diziam, em 1878, "on ne saurait parler en aucune façon d'une race aryenne"...

Como quer que seja, porém, o excellente trabalho de Pompeu Sobrinho é merecedor dos nossos mais francos e decididos applausos.

PONTOS CONTROVERTIVEIS — Thomaz Pompeu Sobrinho.

Lemos com interesse e curiosidade a longa apreciação que o illustre Dr. Carlos Pereira se dignou fazer do nosso livro

"O Retrato do Brasil", na edição de 8 do corrente, da "Gazeta de Noticias". Muitos agradecimentos devemos ao distincto articulista pela maneira como estimou o valor do nosso trabalho e pelas referencias elogiosas, embora não merecidas, com que honrou o seu autor.

Todavia, sentimos o indeclinavel dever de bordar algumas considerações em tôrno dos pontos que o Dr. Pereira classificou de "controvertiveis e estão a merecer alguns reparos".

Esses pontos são de duas naturezas: a) aquelles sobre que repousa a demonstração de que não fôram a paixão das riquezas e a fome intensa de oiro a força que impelliu para a aventura dos mares os navegantes iberos; b) aquelles em que o A., "cedendo ao encantamento das idéas feitas, verga ao peso das abusões radicadas".

Quanto aos da primeira serie, julgamos ter sufficientemente elucidado a questão. Sabemos que o assumpto, pela sua extrema complexidade, exige desenvolvimento maior do que lhe demos, provindo dahi certamente duvidas entre os que se habituaram ás idéas feitas, descuidosos de um sufficiente exame critico.

Mas, dentro dos limites que nos traçamos, não era possivel explanar exaustivamente todas as theorias em voga que se relacionam com a questão, sujeital-as a minuciosa analyse e concluirmos pela que abraçamos. Não julgamos isto preciso.

Infelizmente, o Dr. Carlos Pereira não compreende a sociedade regida pelas leis da physica, o que basta para explicar todo o seu modo de encarar o problema em apreço.

Nós outros, ao contrario, só compreendemos a sociedade como uma consequencia fatal das propriedades intimas da materia, quando attinge a um certo grau de complexidade, na escala da evolução a que está sujeita pela vontade do Supremo Criador do universo.

Sair deste principio parece-nos subordinação ao freio do anthropomorphismo, ainda seductor, embora carcomido pela ferrugem dos seculos.

Se o assumpto é demasiado vasto para ser tratado num livro, muito mais o é para ser versado aqui, num modestissimo artigo de jornal.

Contudo, faremos unica e simples observação a respeito do caso.

Attribuir os descobrimentos admiraveis dos iberos do XV e XVI seculos exclusivamente á "paixão das riquezas" ou, o que é o mesmo, á "fome intensa de oiro" é pretender subjugar um phenomeno historico á causa extremamente simplista, unifilar.

Ora, já vai muito longe o tempo em que era permittido

pensar desta maneira. Um acontecimento historico está condicionado a numerosos factores, cada um agindo com sentido e intensidade determinados, mas integrando-se numa resultante orientada. Em linguagem mais synthetica e clara podemos dizer que o facto historico é a resultante vectorial de um polygono de sectores, ou em outros termos, é um processo de symetrisação que se opera sensivelmente de accordo com o principio de Le Chatelier, ou ainda, é a tendencia para um equilibrio dynamico entre termos que se deslocaram, criando dissymetrias.

Referir aquelles descobrimentos á ambição de oiro, importa explica-los de accordo com a insufficiente concepção physio-psychologica da historia que desde o velho Thucidides vem trabalhando o espirito de muitos historiadores e sociologos.

Modernamente, sob o imperio do indutivismo scientifico, tem-se como mais compativel attender, na explicação dos phenomenos historicos, a interdependencia das forças naturaes e humanas numa justa proporção.

Foi o que procurámos fazer e o que nos levou ás conclusões que expuzemos, aliás, já previstas claramente.

A proposito dos pontos da segunda serie, importa salientar, nuns a mutilação do pensamento do A. para que melhor se possa adaptar á critica do articulista e noutros um inexplicavel desvio de compreensão.

Escreve o Dr. Carlos Pereira que o A. na pagina 117 diz: "o supremo ideal, a bandeira do descobrimento era conquistar almas para Deus".

Ha engano; trata-se de um caso de mutilação acima referido, pois, a quem se dér o trabalho de recorrer á pagina indicada, lerá: "Conquistar terras para o rei e almas para Deus — eis o supremo ideal, a bandeira dos descobrimentos". A differença é muito sensivel.

As apreciações do articulista, ao pensamento do A. assim, barbaramente truncado, talvez se pudessem ajustar. Entretanto, importa considerar: Portugal ao iniciar os grandes descobrimentos era um paiz pequeno com população inferior a 2 milhões de habitantes e recursos financeiros diminutos. A coragem dos seus filhos, o seu valor militar e espirito nacionalista superavam infinitas difficuldades dos navegadores, mas não permittiam attender com igual solicitude a toda extensão do mundo novo que revelavam. Isto era humanamente impossivel.

O Brasil fôra descoberto quasi como um accidente; o grande objectivo concretizava-se na India fabulosa, rica, populosa, prenhe de grandes possibilidades economicas e de grandes possibilidades no campo da fé. Todas as attenções, todas

as energias disponiveis, naturalmente seriam dirigidas para a India de preferencia ao Brasil que, aos primeiros exploradores, pareceu destituido de importancia commercial e habitado por gente simples, innocente e bôa, gente infinitamente mais ajustavel á fé christã do que os gentios da Asia com os seus cultos, templos magnificos e idolos monstruosos.

Realmente, Pero Vaz Caminha e os seus companheiros tiveram aquella impressão dos nossos indigenas: "Segundo o que a mim e a todos pareceu esta gente não lhe falleee outra cousa para ser christã que entenderem-nos... A innocencia desta gente é tal que a de Adão não seria mais quanta em vergonha".

Na impossibilidade de tudo attender, era natural que se soccorressem em primeiro logar os mais necessitados, isto é, aquelles que estavam mais presos ás malhas do Diabo.

Foi por isto que os missionarios seguiram de perto os descobridores e os exploradores, derramando-se pelas novas terras, fervorosos, activos, civilizadores e caridosos.

A occupação militar era de facto seguida immediatamente da missão apostolica. Em 1498, Vasco da Gama passava pela ilha de Moçambique e costa de Sofala; em 1506 fez-se a occupação definitiva, levantando Duarte de Mello na ilha, e Pedro Annaya na costa, a Fortaleza e a Igreja.

Na rota de São Francisco Xavier que perigrinou pelo Malabar, Ceylão, ilhas da Malasia e Japão pregando a fé de Christo, seguiram para as missões do Oriente, afóra sacerdotes de outras ordens, mais de 500 padres da Companhia de Jesus, ansiosos por conquistarem almas para Deus.

Não foi somente a Asia servida; os negros tambem experimentaram os beneficios dos apostolos portuguêses que se internaram pela Abyssinia e outras regiões da Africa Oriental, sertões de Angola e Congo.

Em 1542, Francisco Xavier começa a missão catechista no continente negro, logo seguida, sobretudo no valle do Zambeze, no Inhambane, no Quiliname, etc., pelos padres jesuitas, á frente dos quaes cumpre citar o reverendo Dr. Gonçalo da Silveira que logrou fazer innumeras conversões no reino de Otangue e no celebre imperio de Monomotapa.

A efficiencia dos sacerdotes lusitanos tornou-se digna de admiração. Em 1608, Pyrard de Leval dizia que o collegio de S. Paulo, em Gôa, havia adquirido o direito de se chamar a "universidade Catholica do Oriente" e refere que esse estabelecimento, em 1568, já era frequentado por 3.000 estudantes. Para dar uma idéa da instrucção que ali se ministrava, o mesmo autor conta que em 1.º de Janeiro de 1584, muitos estudantes

proferiram discursos em 16 linguas differentes em honra do arcebispo D. Frei João Vicente da Fonseca.

A actividade evangelisadora na India era tal que em 1559, Francisco Xavier imprimiu em Gôa um tratado de doutrina christã, mercê da imprensa fundada, um anno antes, pelo irmão João Bustamante que estivera nessa metropole com D. João N. Barreto, patriarcha da Ethiopia (Couto).

Os conquistadores e administradores portuguêses, tambem interessados na conquista de almas para Deus, animavam a diffusão da religião com o maior empenho como se depreende da sua correspondencia, das chronicas e das recommendações reaes.

Apreciemos um pequeno trecho da arenga com que D. João de Castro, celebre capitão português, antes de uma memoravel batalha, 11 de Novembro de 1546, depois de ouvir missa e commungar com a maioria dos soldados, dirigiu ao exercito: "Entramos numa batalha, onde vencidos honraremos nosso Deus com o sangue, vencedores nosso rei com a victoria".

A colonização do Brasil não se fez tão tardia como geralmente se diz. Nota o mestre insigne que foi Capistrano de Abreu, referindo-se á terra de Santa Cruz, "que nunca foi de todo descurada". (Desc. do Brasil).

A primeira exploração regular do pais, em 1530, já trazia sacerdote.

Mas, antes de meio seculo após a descoberta, chegavam á Bahia, com Thomé de Sousa, os primeiros missionarios da Companhia de Jesus, sacerdotes aureolados das mais excelsas virtudes. Padres de outra ordem já existiam nas Capitanias. Dahi por deante, as levas de jesuitas se succedem frequentes e os apostolos de Christo se derramam pela costa dilatada e pelos invios sertões, arrebanhando almas para Deus.

Não ha a menor duvida sobre que a Inquisição exerceu uma acção delecteria na evolução do pensamento scientifico (que não devemos confundir com o sentimento artistico). Para evidenciar esta verdade, basta lembrar os casos classicos de Galileu, o maior sabio do seu tempo, de Giordano Bruno, Savanarola, Campanella e Vanini.

Toda gente sabe que Galileu foi obrigado pela Inquisição, sob ameaças de torturas e de morte, a declarar falsas as suas explendidas descobertas scientificas, sendo-lhe vedado ensinar em publico. Bruno, mais altivo do que Galileu, não se conformou com as ameaças do Santo Officio, sendo por isto sacrificado.

O caso de Lucidio Vanini, em França, tambem é expressivo. Por ter esse illustre sabio publicado um livro notavel

para a época (**De admirandis naturæ arcanis**) sobre o evolucionismo, foi duas vezes perseguido pela Inquisição que, finalmente, lhe mandou arrancar a lingua e queimal-o vivo a fogo lento.

Exemplos desta natureza, provando como a Inquisição criava os mais terriveis tropeços á livre expansão do pensamento scientifico, podem ser multiplicados. Obstando o curso ás grandes idéas, a Inquisição tolerava complacente a florescencia da arte, principalmente da arte religiosa.

Mau grado o seu esforço, não conseguiu cortar o fio da evolução scientifica, nova força de socialização que vinha de abrolhar em terreno propicio.

O Dr. Carlos Pereira transcreve um trecho da pagina 155, para que se supponha do A. a affirmativa de que "a Idade Media na Espanha se prolongou até os nossos dias", e dest'arte ter campo facil a larga dissertação.

Entretanto, não havia razão para isto. O A. cita apenas um trecho de Salomão Reinach, e não o perfilha, como se vê das observações da nota n.º 15, nessa mesma pagina. Mais adiante, á pagina 157, expõe a sua opinião a respeito do assumpto, contrariando aquella proposição do autor de "Orpheus".

"A Inquisição, sentencia o illustre apreciador, não foi estabelecida na Hespanha com o fim de activar o trabalho de fanatisação do povo, — **como quer** s. s. mas..." Curiosa incompreensão!

Não foi isto o que dissemos; o que se lê á pagina 155 é: "Depois das luctas que terminaram pela supremacia da Hespanha e de Portugal, a Igreja activou o trabalho de fanatização".

Onde, pois, a idéa de que a Inquisição foi estabelecida para o fim de fanatizar o povo?

Quanto ao objectivo para que foi aquelle tribunal instituido na Iberia, estamos de accôrdo, e nunca pensámos differentemente.

Não nos consideramos errados computando em 50% os casos de condemnações injustas pronunciadas pelo Santo Officio, mesmo admittindo que a sua acção se inspirasse na melhor e mais honesta das intenções. Preliminarmente, cumpre não confundir condemnação com fogueira, idéa que o Dr. Pereira parece nos querer attribuir.

Temos aquella percentagem como abaixo da verdade porque, ainda hoje, os tribunaes mais bem apparelhados, dispondo da larga e profunda experiencia de 3 seculos, de estudos de psychologia theorica e experimental, de psychiatria, de moral e de direito erram lastimavelmente nos seus arestos. Imagine-se

o que não occorreria no Santo Officio, manipulando materia muito mais delicada e subtil!

Que se poderia esperar, então, naquelle tempo de obscurantismo, de um tribunal que nem sempre limitava os seus processos, muita vez draconianos, aos casos de fé, mas misturava-os com os que as paixões politicas inspiravam?

Ora, no seculo da luz, as questões politicas são ainda tratadas sob a influencia do inconsciente ou do subconsciente, sem o **controle** da razão scientifica. Procedemos neste campo da actividade social, não segundo conhecimentos positivos da questão, mas de accordo com os dictames dos nossos sentimentos, e dest'arte ficamos sujeitos aos êrros mais grosseiros e terriveis consequencias.

Ha na apreciação em estudo um lapso curioso que parece provir de uma esquisita falta de attenção. Escreve o critico: "A escola de Sagres é outra phantasia que nosso autor facilmente acceitou. Tece lôas a uma supposta escola de Sagres..."

No nosso opusculo, somente uma vez se encontra referencia á "escola de Sagres", conforme os termos que se seguem: "o famoso fausto de Veneza e de Genova, de onde vinham para a escola de Sagres marinheiros e pilotos experimentados no trafego maritimo do extremo leste do Mediterraneo". Poderá por ventura o leitor descobrir um **tecido de lôas** á escola de Sagres? Poderá concluir de tão breve referencia que o A. acceitou a phantasia da escola de Sagres com os seus observatorios, bancas de alumnos, cadeiras de mestres, etc.?

O A. bem sabe que, hoje, não se fala em "escola de Sagres" senão em sentido figurado, sem correspondencia com qualquer academia nautica, da mesma maneira como se fala em "escola do Mediterraneo" (Ravizza); no mesmo sentido com que João de Barros se refere á "escola... que foi a casa deste excellente Principe Infante D. Henrique" (Decada I); na mesma accepção de Pereira da Silva quando se refere a essa escola cujas "bancadas de estudo iam ser as pranchas das caravelas" (arte de navegar dos portugueses).

Não foi em outro sentido que o A. falou na escola de Sagres, como resalta evidente das suas expressões.

Um dos pontos mais dignos de interesse nas apreciações do Dr. Pereira é o sentido que attribúe tenha dado o A. ao termo "aryano", correctamente empregado para designar os povos diversos que falam ou falaram as linguas apparentadas, ditas indo-europeias, como o sanskrito, o persa, o grego, o latim, o lithuano, o gaulês, o slavo, o germanico e os seus descendentes ou ancestraes, sem preoccupações de raças.

Empreganos o vocabulo deliberadamente; não somos dos

que repugnam usar uma palavra num sentido certo, convencional e até muito expressivo porque houve quem lhe alargasse a significação phantasiosamente.

Na pagina 160, com referencia aos romanos, graphámos a temerosa palavra **aryano** e não nos lembramos de ter novamente a ella recorrido, salvo na expressão **euro aryano**, exprimindo gente de origem portuguêsa, espanhola ou de qualquer outra região da Europa occidental, falando uma das linguas acima mencionadas ou dellas derivadas.

Segundo J. Deniker, a mais conhecida classificação das populações da Europa é em povos **aryanos** (romanos, germanicos, etc.) e anaryanos (bascos, finno-ugrianos, turcos, mongóes, semitas, caucasianos).

Preferimos o termo **aryano** á expressão **indo europeu** e ainda mais a **indo germanico**, visto julgarmo-la mais expressiva, mais justa e mais breve.

Usando-a não suggerimos absolutamente, como se ha feito alhures, que os **indo iranianos** foram os criadores e os propagadores de todas as linguas affins faladas na Europa e Asia ou que esses povos eram o tronco commum dos que falam os idiomas **indo europeus**.

Terminando, ainda uma vez cabe testemunhar o nosso reconhecimento ao Dr. Carlos Pereira pelas suas amaveis referencias ao nosso trabalho e á nossa pessôa, cujo valimento está muito abaixo do plano elevado em que o collocou emprestando-nos qualificativos jamais desejados, pela impossibilidade consciente de os não alcançarmos.